

O TORNA-VIAGEM DE UM CONFESSO SOB AS ORDENS DA CONFISSÃO: ANÁLISE DA ESCRITA DIARÍSTICA NO ÚLTIMO OSWALD DE ANDRADE

Luigi Caruso¹

Gabriel Moreira Faulhaber²

RESUMO: Os últimos anos de Oswald de Andrade foram marcados pela tentativa de realizar um projeto memorial e diarístico tendo por base uma dupla função: no primeiro caso um direcionamento para o passado, e no segundo, um direcionamento para o futuro. Este artigo procura analisar este segundo objeto, considerando a articulação proposta pelo autor entre escrita de criação e diário, levando em conta os motivos e as funções dessa escrita a partir dos trabalhos de Phillipe Lejeune (1938-). A digestão da realidade surgida em *Diário Confessional* (2022) demarca um encontro do autor com sua morte biológica eminente, desatando o fio condutor para uma sobrevivência: a realização da obra através da demarcação afetiva de sua confissão sem renúncia.

Palavras-chave: Antropofagia. Diário. Devir.

THE RE-TURN OF A CONFESSOR UNDER THE ORDERS OF CONFESSION: ANALYSIS OF DIARY WRITING IN THE LATE OSWALD DE ANDRADE

ABSTRACT: Oswald de Andrade's final years were marked by an attempt to carry out a memorial and diary project based on a dual function: in the first case, a direction towards the past, and in the second, a direction towards the future. This article seeks to analyze this second object, considering the articulation proposed by the author between creative writing and diary, taking in account the reasons and functions of this writing based on the works of Phillipe Lejeune (1938-). The digestion of the reality that emerged in *Diário Confessional* (2022) marks an encounter between the author and his imminent biological death, untying the guiding thread for a survival: the realization of the work through the affective demarcation of his confession without renunciation.

Keywords: Anthropophagy. Diary. Becoming.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3763-9994>. E-mail: lcarus22@hotmail.com.

² Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2020). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7779-1256>. Email: gabrielblake@hotmail.com.br.

Introdução

No presente trabalho buscamos apresentar uma leitura do *Diário confessional* (2022) de Oswald de Andrade, ao passo em que traçamos um pequeno panorama acerca da prática diarística – de sua ampla concepção percorrendo as teorias de Arfuch e Lejeune, até seu uso como recurso articulado, isto é, unindo criação e confissão, na última fase do modernista brasileiro. Com estes, procuramos atentar para a singularidade da prática oswaldiana, reunindo a transcrição de seu passado enquanto experiência vital, mas também desde já produzindo uma vitalidade de sobrevivência através da criação literária. As passagens narradas produzem um percalço ainda além do registro de bordo, funcionando como digestão de realidade que se coloca diretamente em conflito com as premissas de um manejo factual do biográfico.

Sua obra *Diário Confessional* publicada em 2022 pela Companhia das Letras, consiste não apenas num volumoso trabalho voltado para seus anos derradeiros, mas marca também um acerto de contas com sua imagem pública e obra predecessora, de modo a reativar as questões relativas às escritas de si: até que ponto o autor encarna uma prisão de sua subjetividade, e até que ponto essa escrita significa a sua liberação? Neste artigo procuramos apontar os principais aspectos determinantes para um certo perfil delineado pelo autor, como também sua diferença em relação a outros materiais de sua obra, sobretudo *Um homem sem profissão* (2002): em um primeiro momento tratando das especificidades do diário, para em seguida abordar a experiência do autor no gênero. O diário de Oswald se dirige para o futuro, e é desta disposição que encontramos um ponto de partida em seu último projeto.

1 Apontamentos sobre o diário

Antes de abordarmos a prática diarística em si, entendemos ser interessante falarmos um pouco a respeito do funcionamento dos chamados *hypomnemata*, uma espécie de pré-história do gênero. A ideia não é afirmar a existência de uma filiação entre, mas estabelecer proximidades e diferenças entre essas formas de exercício da escrita na antiguidade e na modernidade/contemporaneidade. Surgida na tradição Greco-Romana, a prática dos *hypomnemata*, de acordo com Foucault (1992), apresenta o ato de escrever sobre si como um trabalho de aprimoramento, uma técnica de si, uma forma de estabelecer consigo uma série de operações visando a um aperfeiçoamento, tratando-se de um exercício pessoal.

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre o público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e acções de que tinham sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. Formavam também uma matéria prima para redacção de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação) ou pra ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça) (FOUCAULT, 1992, p. 134- 135).

Desse modo, é a ideia de cuidado de si e dos outros que atravessa o conceito dos *hypomnemata*. Temos a presença de um indivíduo que se oferece ao olhar dos outros não como uma lei ou verdade a ser obedecida, mas como uma singularidade capaz de inspirar modos de estar consigo mesmo e com os outros (MIRANDA; CASCAIS, 1992).

Foucault ressalta que esses escritos não eram tratados como simples auxiliares da memória, mas como um objeto de exercícios a serem efetuados com frequência. Nas palavras de Diana Klinger: “[Os *hypomnemata*] constituíam um material para ler, reler, meditar e conversar consigo e com os outros” (KLINGER, 2007, p. 28). Também não eram entendidos, por mais pessoais pudessem ser, como diários íntimos com objetivo de trazer à luz uma confissão, visando a uma purificação. “O movimento que visam efectuar é inverso desse: trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 137).

Entendemos, portanto, que a prática dos *hypomnemata* constitui um processo de subjetivação, uma produção inventiva de si, uma apropriação e unificação de um já dito, um constante trabalho sobre si mesmo através da escrita e de sua recolha, por meio de conselhos, testemunhos, reflexões, argumentos e opiniões que se dá a si e ao outro, configurando-se como uma “prática ética de produção de subjetividade” (REVEL, 2005). Nesse sentido, temos a relação leitura-escrita com uma alimentando a outra, mediante um movimento que passa pelo corpo, nele se concretizando. É por meio da recolha das leituras e, conseqüentemente, da prática da escrita que o indivíduo forma uma imagem de si.

Toda leitura tem de passar pela subjetivação a fim de que se torne uma escrita pessoal e não uma mera aquisição mecânica da memória. Numa metáfora digestiva: o material da leitura e das anotações tem de ser digerido e

metabolizado pela pessoa, que vai transformar aquele alimento em algo de novo e, principalmente, de pessoal (FIGUEIREDO, 2010, p. 211).

Nesse sentido, a relação direta entre escrita e produção de subjetividade fica patente. O "eu" não é apenas um assunto sobre o qual escrever, mas o objeto de um cuidado em busca de um aprimoramento para o estabelecimento de um pleno relacionamento consigo próprio. Essa concepção da escrita como exercício pessoal, associada ao exercício do pensamento, perde força na passagem da cultura pagã à cultura cristã. O cuidado de si passa a se constituir como um meio de renunciar a si mesmo, deixando de significar uma busca constante pelo aperfeiçoamento.

Resumindo, na passagem da cultura pagã à cultura cristã, o "conhece-te a ti mesmo" passou a modelar o pensamento do Ocidente, eclipsando o "cuida de ti mesmo", que era princípio que fundamenta a arte de viver da Antiguidade. Com a herança da moral cristã, que faz da renúncia de si a condição da salvação, paradoxalmente, conhecer-se a si mesmo constitui um meio de renunciar a si mesmo. A partir de então nossa moral, uma moral do ascetismo, não parou de dizer que si é a instância que só se pode e se deve rejeitar. (KLINGER, 2007, p. 30).

É somente após o Renascimento, a Reforma e uma gradual laicização das confissões religiosas que o homem se permite a voltar a se ver como é: longe de qualquer premissa transcendental³.

Os *Ensaio*s, de Montaigne, desprovidos da obediência doutrinária num mundo em vias de crescente secularização, consagram o direito de o sujeito individual expressar sua experiência pessoalizada do mundo sem recorrer a modelos legitimados. Portanto, na obra de Montaigne se encontram traçados os contornos da literatura no sentido moderno, fundada no sujeito individual (KLINGER, 2007, p. 30).

Com relação ao diário propriamente dito, vemos que, de acordo com Leonor Arfuch (2010), sua prática se mostra sujeita unicamente ao ritmo cronológico com apenas as datas e as entradas aparecendo de maneira sucessiva, sendo, desse modo, avessa às amarras genéricas, podendo abarcar os mais diversos registros de linguagens e os mais variados temas. Assim, comparecem nas páginas dos diários as minúcias cotidianas, reflexões sentimentais,

³Até então, o mecanismo da confissão servia como técnica fundamental para a construção de si mesmo enunciando para um outro os pecados e as culpas como caminho para purificação em direção à transcendência. “A confissão seria desde então a tecnologia fundamental para a construção de si-mesmo, pela qual enunciar em palavras para um outro, de maneira contrita, as máculas da sua alma, isto é, as culpas e os pecados, seria o caminho para a ascense purificadora de individualidade em direção à transcendia divina (Birman, 2000, p. 83).

iluminações filosóficas, paixões desatadas, receitas, contas, bilhetes, fotografias, recortes, colagens, etc.

Com uma promessa de uma exposição mais profunda de um eu, caminhando mais em direção ao íntimo e menos ao biográfico, há diários que funcionam, para o autor, como um espaço reservado sobre si próprio, no qual se deposita uma vida testemunhável com aparência de sólida unidade; enquanto há outros que são projetados com a intuição explícita de serem publicados, podendo ser ajustados, apagados e até mesmo reescritos.

Dentro dessa pluralidade evocada por Arfuch, encontramos os diários vizinhos de reportagens ou entrevistas, que recolhem rastros de conversas; temos aqueles mais cifrados, voltados para introspecção ou prospecção; alguns com séries de aforismos; outros que são anotações de etnógrafos e viajantes, que apresentam uma mistura das aventuras em terras exóticas e suas descobertas com a cansativa repetição cotidiana; existem também os diários dedicados a certo período e centrados em uma zona de experiência particular, entre outros. Os desdobramentos são inúmeros.

Assim como Arfuch, Philippe Lejeune também vai apontar o diário como desprovido de amarras e modelos não obedecendo a imposições de forma ou conteúdo, tendo como base apenas a data, chamada de entrada ou registro. O teórico francês nos fala: “Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital” (LEJEUNE, 2008d, p.260). Trata-se de uma forma livre cujos traços invariáveis seriam a fragmentação e a repetição ordenadas de acordo com uma lista de dias, “uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo” (LEJEUNE, 2008d, p. 261). Lejeune completa: “toda escrita de diário pressupõe a intenção de escrever pelo menos mais uma entrada que, por sua vez, convocará a seguinte, e assim sucessivamente” (2008a, p. 270). O que ocorre é uma organização de fragmentos que, por sua vez, pretende apreender ou evocar um encadeamento que, mesmo reunido, permanece separado, com sua morfologia e temática próprias. O diarista não procura abranger e organizar todo o real de um dia, não concentra toda a realidade que o circunda; ele trabalha na dissociação e na digestão dessa realidade. “Cada entrada é, portanto, um microorganismo que faz parte de um conjunto descontínuo: entre duas entradas, um espaço vazio” (LEJEUNE, 2008b, p. 295). Temos, assim, descontinuidades tecidas como continuidades. A escrita, marcada pela fragmentação, também se apresenta como repetitiva e regular. Desse modo, fora o gosto por escrever e a preocupação com tempo, assinalados por interrupções e retomadas, tudo se mostra possível nas páginas de um diário: asserção, narrativa, lirismo, etc.

Lejeune aborda algumas funções do diário e sua relação com quem o escreve, o que está diretamente relacionado com a progressiva individualização no controle da vida e da gestão do tempo. Em seu entender, tivemos uma passagem de uma jurisdição externa e social para um tribunal puramente interior e individual.

Desde o fim do século 18, o diário se pôs a serviço da pessoa. Prova disso são as meditações de Eugène Dabit sobre as múltiplas funções de suas cadernetas. Ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar o momento da vida. O texto que se confia ao papel é um vestígio dessa conduta (LEJEUNE, 2008d, p. 261).

Avançando em sua leitura, o autor do “pacto autobiográfico” procura assinalar determinados aspectos motivadores da escrita de diários. Neste texto, destacamos alguns deles, a saber: “conservação da memória”; “desabafar”; “deliberar”; “pensar” e “escrever”.

Quando se fala em “conservação da memória”, não se trata unicamente da preocupação com a fixação do tempo passado, mas também de sua construção através do comentário cotidiano, destinada a um leitor ou *alter ego* perdido no futuro. Temos a criação de um arquivo do vivido capaz de conjurar o esquecimento, conferindo à vida “a consistência e continuidade que lhe faltam” (LEJEUNE, 2008a, p.277). A escrita do diário, nesse sentido, é como um apelo a uma leitura futura, com o valor da informação depositada aumentando com o passar do tempo. “O próprio diarista é levado pelo movimento que vai esculpindo” (LEJEUNE, 2008b, p. 299). Assim, sempre haverá um tempo vivido posterior à escrita com a presença desse futuro constantemente a impulsionando. Trata-se de um “eu” que se desloca junto ao ato de escrever, construindo uma ideia de continuação que protege da ideia de fim. “Escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma ‘identidade narrativa’ que tornará minha vida memorável” (LEJEUNE, 2008d, p.262).

Ao tratar do “desabafar”, Lejeune compara o diário a um amigo, um confidente que acolhe as emoções de maneira desprendida e despreocupada, com a vantagem de não existir o constrangimento alheio. O papel abriga decepções, raiva, melancolia, dúvidas, esperanças, alegria. “O diário é um espaço onde o ‘eu’ escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir ao risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2008d, p.262). O que ocorre é uma busca por um equilíbrio individual e uma paz social mediada pela elaboração de uma imagem que fazemos de nós através da abertura a contradições, repetições e transformações em uma grande clínica de introspecção e análise.

O diário aparece como um espaço para tomada de decisões: agir/ hesitar; por isso, “deliberar”. O diarista trabalha em um balanço do hoje, projetando o amanhã. Tem-se uma disputa de vozes que pode desembocar ou não na ação. “Escrever força a formular os desafios e os argumentos” (LEJEUNE, 2008d, p. 263). Desse modo, a escrita do diário, como uma espécie de exame de consciência e de escolha, permite acompanhar a trajetória de uma resolução.

No que se refere ao “pensar”, Lejeune entende o diário como um ambiente propício para a criação. As anotações cotidianas — os grandes e os pequenos temas, as inquietudes existenciais e as tendências do pensamento — se convertem em um método de trabalho que visa a comprovar a validade de determinadas ideias. A dinâmica do processo de desenvolvimento de um pensamento é exposta junto de suas contradições numa “estética do rascunho e da gênese” (LEJEUNE, 2008d, p. 264).

Dentre os aspectos motivadores dos diários, o gosto pela escrita talvez seja um dos mais evidentes — escreve-se por ser agradável. “Escrever” vem acompanhado de toda uma liberdade: poder transformar-se em palavras e frases, dar forma àquilo que se vive/viveu, manejando a língua como bem entender, misturando os gêneros e escolhendo as regras do jogo, sem medo de cometer erros, criando um objeto no qual é possível se reconhecer. “O diarista não tem a vaidade de se acreditar escritor, mas encontra em seus escritos a doçura de existir nas palavras e a esperança de deixar um vestígio” (LEJEUNE, 2008d, p. 265).

Lejeune ainda vai nos trazer a noção de “auto-hospitalidade” proporcionada pelo diário. O universo do papel se configuraria como um espaço protegido, uma casa, distante das leis do mundo exterior, onde aquele que escreve é, ao mesmo tempo, o convidado e o anfitrião, o que não implica em uma falta de rigor ou displicência por parte do diarista — muito pelo contrário: o convidado respeita o anfitrião, observando as regras e os usos da casa. Através da leitura de um diário é possível encontrar o código de boas maneiras que o diarista se impôs “Trata-se, em geral, de uma mistura original de regras e liberdades” (LEJEUNE, 2008c, p. 310).

Vemos que existem aproximações e distinções entre os *hypomnemata* e os diários modernos, por assim dizer. De um lado, temos a busca pela construção/formação de uma imagem de si — e tudo que isso acarreta — através do ato de escrever e de sua posterior recolha pela leitura; de outro, a presença das noções de íntimo e de confissão — seja como objeto de depósito (no caso do autor) ou de busca (no do leitor).

Em meio a toda essa abertura proporcionada pela prática do diário, cada diarista encontra e se acomoda em determinadas formas e linguagens próprias, que se estendem, com

algumas exceções, para todas as entradas a depender de sua obsessão temática. O que gera um paradoxo de um gênero livre no qual aquele que escreve acaba por se submeter a restrições enérgicas e rígidas. “O diário unifica a personalidade, mas também pode ossificá-la, enrijecê-la. O diarista se torna seu próprio burocrata” (LEJEUNE, 2008b, p. 3001).

A escrita do diário se mostra então como um dispositivo que pode libertar ou encerrar seu autor, ora demandando uma entrega e um fluxo de energia particular; ora permitindo uma circulação e um trânsito maior por seus estilos e pensamento em um grande projeto experimental.

2 Oswald diarista

Ao percorrermos o texto de Oswald de Andrade na obra em questão, encontramos, em maior ou menor medida, a presença de alguns dos aspectos mencionados. Veremos que nosso autor recorre com grande frequência à noção de “auto-hospitalidade”, com seu diário funcionando ao modo de um asilo de papel, —“um dispositivo de escrita que componho para me acolher” (LEJEUNE, 2008c, 310) —, numa constituição de reservas para o futuro, podendo se converter num arquivo cujos registros ajudam mais tarde o “eu” a compreender melhor a confusão em que se vive. O que nos permite dizer que seus os escritos, partindo desse recurso, parecem operar tendo no horizonte um receio relativo à sua imagem enquanto homem/escritor/intelectual e, sobretudo, à sua obra como um todo.

Publicado em 2022, *Diário confessional* é resultado do trabalho de Manuel da Costa Pinto com o acervo pessoal de Marília de Andrade, filha de Oswald. Abarcando os anos entre 1948-1954, a escrita do diário parece compartilhar das mesmas motivações que movimentam o projeto memorialístico de *Um homem sem profissão*. Uma delas aparece textualmente expressa no referido livro de memórias. Oswald escreve: “Antonio Candido diz que uma literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos pessoais e me faz jurar que tentarei escrever já este **diário confessional**” (ANDRADE, 2002, p. 36, grifo nosso). A expressão “diário confessional”, que aparece na citação, se refere ao próprio *Um homem sem profissão*; no entanto, podemos afirmar que as duas obras, embora constituídas de materiais distintos, com as memórias voltadas para o passado e o diário voltado para o futuro, “funcionam como variantes formais e existenciais de um mesmo documento de maioridade” (PINTO, 2022, p. 10). O próprio Oswald escreve em 31 de maio de 1950: “Pretendo juntar a este caderno tudo que tenho de memórias” (ANDRADE, 2022, p. 198). Ao que consta, nosso autor começou a

realizar as anotações do dia a dia funcionando com uma espécie de depósito para auxiliar a na elaboração de posteriores volumes de suas memórias. Ou seja, no horizonte do autor, havia um projeto muito bem delineado, que infelizmente não pode ser concluído.

Outra motivação que merece ser destacada surge na entrada do dia 18 de outubro de 1948:

O que me levou ao Diário confessional que estou redigindo foi o medo de não poder terminar a filosofia imatura em que eu trabalho. A Antropofagia como visão de mundo. Pelo menos aí ficará fixada em torno do primitivismo tecnizado que vejo tomar conta da Terra. Entre escrever apressadamente um *Breviário de Antropofagia*, *A Antropofagia como filosofia perene* ou ainda *Uma filosofia do ócio e do conflito*, três livros que imaginei e anoto, prefiro não perder o que está feito e que vinte anos elaboro, mesmo através da experiência marxista que fiz (ANDRADE, 2022, p.91-92).

Fica evidente a preocupação do autor com o destino de sua obra e de sua imagem como escritor e pensador. Preocupação essa já explícita, na mesma época da redação do *Diário*, em suas conferências e em seus textos ensaísticos, quando busca retomar e desenvolver de maneira mais conceitual a Antropofagia.

[...] Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira que dera o Pau-Brasil, donde no depoimento atual de Vinícius de Moraes, saíram todos os elementos da moderna poesia brasileira. Foi propositalmente esquecida a prosa renovadora de 22, para a qual eu contribuí com a experiência das *Memórias Sentimentais de João Miramar*. **Tudo em torno de mim foi hostilidade calculada** (ANDRADE, 1991b, p. 55, grifo nosso).

Como vemos, há uma busca — marcada por uma mágoa — por tentar se desvencilhar da imagem de um escritor que se sustentava apenas pela irreverência a despeito de contribuição para 1922 e de sua dedicação na elaboração das bases e fundamentos de seu pensamento. Na conferência “Caminho percorrido”, o autor afirma: “pretendia-se que eu fosse esmagado pelo silêncio” (ANDRADE, 1991a, p.112). É uma questão tão importante para o autor que ele destaca em uma de suas últimas entrevistas

Nunca fui nada disso [piadista, malcriado]. O que fiz, e os imbecis não compreenderam, foram pesquisas das mais sérias não só no terreno literário como no social e no estético. Toda minha vida tem sido uma constante dedicação à literatura. Sou escritor desde que me conheço por gente e nunca fui leviano. O que desconcertava adversários é que minha literatura fugia ao padrão então dominante. E chamavam isso de piada (ANDRADE, 1990, p. 249)..

Diário confessional é trabalhado sobre esses alicerces, tendo a particularidade de ser produzido com intuito de vir a ser publicado. Nesse sentido, dentre todo leque de possibilidades proporcionado pela escrita diarística, o texto de Oswald de Andrade vai se assentar sobre alguns aspectos bem específicos. Acompanhamos nosso escritor com a saúde fragilizada e afogado em dívidas em um périplo que envolve a venda de bens como terrenos e imóveis, o constante contato com os credores e à procura por mais empréstimos. Citamos duas passagens.

29 de agosto de 1949: São quatro horas da manhã. Acordei do sono narcótico, pesado, que me produzem os remédios de Longo. Repouso e revejo a situação — a mais perigosa possível com três cravos — o prédio, a desapropriação, a *Enciclopédia*. Como sair? Penso na penosa reivindicação dos terrenos de papai. Penso em Nonê [filho de Oswald] — tão apto e tão mal aproveitado. E penso, sobretudo, na miséria e, recomeçar procurando fulano, aturando sicrano. Uma náusea me sobe de tudo (ANDRADE, 2022, p. 156).

27 de abril de 1950: [...] Minha vida é mostrar terreno e trotar pela rua. Deixei estudos, leituras, tenho medo de desabar morto deixando tudo assim (ANDRADE, 2022, p.156).

Entre encontros e desencontros que permeiam suas andanças, surgem nomes de figuras públicas que vão de Oscar Niemeyer ao então presidente Getúlio Vargas. Paralelamente, sempre sob um registro afetuoso, encontramos nas páginas do diário a relação núcleo familiar — especificamente, a esposa Maria Antonieta D’Alkimin, filhos, nora e netos nascidos até o momento. Há, também, menções a algumas personalidades intelectuais e outros interlocutores literários — com destaque para Albert Camus, quando lemos: “13 de novembro de 1949: Vou enfim redigir o que será meu maior livro — *A crise da filosofia messiânica*, tese para o concurso de filosofia, donde sairá *A Antropofagia como visão de mundo*, que mandarei a Camus” (ANDRADE, 2022, p.167).

Temos então o recorte de uma zona de experiência com uma datação precisa e uma tônica dominante que compartilham a escrita com uma reflexão sobre o seu trabalho. Tal recorte é tão específico que o autor decreta o fim da escrita de seu diário na data de seu aniversário de 64 anos em 11 de janeiro de 1954 da seguinte maneira:

Faço 64 anos ao meio-dia e termino o meu ciclo de “diários”. Chega! Tenho a compor as *Memórias*. O primeiro volume está apenas redigido. Tenho a terminar *Marco zero*. E a insistir sobre a Estante no Zé Olympo. Chega! A situação financeira está sempre má. A econômica ótima, como sempre. A saúde? O dr. Mattar me diz, pelo telefone que viverei cem anos. Mas é! [...] Cai uma larga tempestade de verão. Minha Antonieta saiu. Foi buscar flores, presentes, para o menino que faz anos hoje (ANDRADE, 2022, p. 502-503).

Vemos que a entrada de encerramento retrata perfeitamente a mencionada natureza do *Diário*: as preocupações com a saúde, com as finanças e com a própria obra — além, é claro, do universo familiar. Todos aspectos devidamente acompanhados da angústia do próprio processo de escrita. “1 de abril de 1951: [...] Tanta coisa tem escapado destas notas *impublicáveis* para o *Diário confessional*. Fico inibido, alienado no negócio, incapaz de procurar este caderno, muitas vezes perdido no montão de livros que costumo deslocar da biblioteca para estudo” (Andrade, 2022, p. 227, grifo do autor).

É nesse sentido que em determinadas entradas Oswald permite-se “pensar” a Antropofagia. Citamos algumas:

22 de agosto de 1949: [...] Diante do casão dos jesuítas, sou obrigados a parar pra ver mais de perto a introdução do Ressentimento em nossas tabas felizes. A criação da técnica. É preciso para a Antropofagia, reexaminar o jesuíta. [...] Estudar essa última experiência histórica do escravo que foi a nossa. Casa Grande e Senzala, o Império, a República, a imigração com sua civilização burguesa e sua moral até hoje (ANDRADE, 2022, p.155).

4 de maio de 1951: Sinto-me galvanizado pela Antropofagia. É a única solução, restituir pública e privadamente o homem à sua realidade. O homem é perjúrio, traidor, cáften e coisas piores porque nada tem sentido fora das convenções patriarcais. Foram elas que colocaram os homens nas catacumbas do ser. [...] Pois que a negação nos segue como sombra, temos que adotar uma filosofia afirmativa, com direito à eliminação da doença e todas as corveias morais e físicas. Já que existe a morte e a negação, sejamos lúdicos, exigentemente lúdicos, quebrems todas as barreiras da sinistra religião do escravo que é o cristianismo (ANDRADE, 2022, p.263).

22 de junho de 1952: O homem é um animal deficitário que se recupera com três espécies de atividades — uma lúdica, uma órfica, uma *faber*. Todas se desenvolvem na infância. [...] Todas as três reguladas por um complexo de agressão-resistência que dá o sistema sadomasoquista. Todas as três procurando se fixar, acaparar, dominar, brilhar (ANDRADE, 2022, p. 401-402).

É fácil verificar que se trata de um rascunho, um esboço, uma forma de exercício para seu intuito de desenvolvimento e sistematização da Antropofagia como uma filosofia que propõe a superação da situação na qual se encontram o homem e a sociedade englobando não só a literatura e a cultura num todo como também apontando para o terreno da utopia. Encontramos uma articulação entre escrita de criação e diário. Desse modo, não encontramos propriamente novidades nessas passagens; mas, de alguma maneira, vislumbramos o autor em sua oficina ou laboratório, trabalhando naquilo que desencadearia numa sucessão de textos

publicados tanto ainda em vida como postumamente⁴. As passagens também podem ser entendidas como um ambiente de estudo, uma vez que, à época, Oswald se preparava para um concurso visando à cadeira de Filosofia na USP. Sua tese da “idade de ouro” e o estado antropofágico já apareciam de maneira embrionária em 12 de julho de 1948.

A idade de ouro é a idade em que não existe ainda o sentimento de culpa. Em que está fora da sociedade a ideia do pecado original. Não se poderá ligar isso (pecado, sentimento de culpa) à ruptura do estado antropofágico e à escravização do homem pelo homem (ANDRADE, 2022, p. 54).

Ainda nesse aspecto, nosso autor cede espaço para comentários variados acerca de escritores e livros no geral. Aqui seu estilo e virulência se fazem notar, com o ponto de vista sempre muito destacado — seja o laudatório ou depreciativo — com ironias sarcasmo e até os conhecidos desaforos.

21 de julho de 1948: Ontem a angústia me sufocou à tarde. [...] Angústia que evidentemente não é imotivada como querem os existencialistas. Tudo me estrangula — a ausência de segurança para os meus e a saúde que periclita. [...] Não se pode dizer que Graciliano Ramos e Nelson Rodrigues não exprimam o Brasil. Dois opostos de literatura — aquele, um mestre; este um cabotino. A prova que não fomos cristianizados, e sim simplesmente catequizados, está na existência de ambos como “literatura”. Não há sedimentação cristã possível nas bambochadas cruas de Suzana Flag [pseudônimo de Nelson Rodrigues]. Nem onde a angústia é somente erótica (ANDRADE, 2022, p. 62-63).

A título de comparação, vejamos o texto “O analfabeto coroado de louros, de 1952, presente na antologia da produção jornalística oswaldiana intitulada *Telefonema*.⁵

As ferraduras mentais do sr. Nelson Rodrigues trotam longamente pelo “asfalto nosso” de uma revista que desde a capa traz um tom laranja que não engana. Trata-se evidentemente de um comício laranja, onde só ele zurra os seus maus sucessos [...] Certo de que ele não atingirá a imortalidade aqui na terra, com sua coleção de torvas tolices espetaculares, opta sabiamente pela imortalidade da alma. Só assim poderá ele sobreviver (ANDRADE, 1976, p. 167).

Como já salientado, há um signo que paira sobre a escrita do diário que é a questão da doença acompanhada da sombra da morte que funciona como um motor do “desabafar”

⁴ Um desses textos é o até então inédito “Antropofagia como visão de mundo”, que acompanha a atual edição (2022) do *Diário confessional*.

⁵ A antologia abarca textos jornalísticos inéditos escritos pelo autor ao longo de toda sua vida, desde sua colaboração para o *Diário Popular* em 1909 até 1954, quando escrevia para o *Correio da Manhã*.

presente no texto. Oswald inicia sua escrita com uma promessa de transparência e autenticidade. Em 20 de junho de 1948, ele escreve:

Antonieta lê as páginas precedentes e me diz que neste Diário ela ouve minha própria voz. **Que seja literatura oral a forma deste livro, onde a confidência, a confissão e própria história da confidência e da confissão se reúnam num único compromisso — o da autenticidade.** E com isso o da responsabilidade assumida e o da posição confessional (ANDRADE, p.36, grifo nosso).

Encontramos um ato de fala performativo compromissivo (Searle, 2002) que se realiza⁶. Oswald se desnuda e mostra uma faceta no mínimo pouco conhecida do grande público: um sujeito com a saúde debilitada, demonstrando certa insegurança e um temor com relação ao futuro.

7 de agosto de 1953: Noite. A doença me desapruma. Não saio o dia inteiro. Sinto como uma ameaça de arma apontada contra o peito. O horror da crise pressentida. O medo de acabar antes de terminada a liquidação dos negócios. Verdadeiro terror (ANDRADE, 2022, p.461).

As páginas abrigam e revelam um Oswald de Andrade que passava longe dos olhos de seus leitores. A “auto-hospitalidade”, o encontro secreto do autor consigo mesmo, permite a exposição dos traços mencionados. As regras postas pelo diarista a si próprio em um “direito de asilo” (LEJEUNE, 2008c, p.311), com tratamento de hóspede importante, abrem um espaço onde ele se permite relaxar, sorrir, gritar, chorar da forma que bem entender — o que não implica necessariamente em dizer tudo. Assim, distante de um procedimento de profilaxia ou prevenção, não temos a incorporação de um confessor, mas de um confidente. “É a interiorização da carta entre amigos” (LEJEUNE, 2008c, p. 311). Nesse sentido, o Oswald que vem à tona nesse ambiente de refúgio se mostra muitas vezes repetitivo.

7 de fevereiro de 1952: São duas da madrugada. Não consegui dormir ainda. Antonieta comigo, entreacordada até há pouco. Excitados, tristes, às vezes subitamente confiantes. [...] Pela manhã me barbeio de gilete como um moço e saio na direção da luta Vou à *Plateia* me engajar na equipe do Ademar. A minha relutância em voltar à luta jornalística é enorme. Não queria por coisa alguma sacrificar um minuto de minha vida, destinada à minha obra, para dar pancada, mas não há meio! É impossível viver pacificamente, ser bom rapaz. Vou de novo sair de tacape em punho (ANDRADE, p. 2022, p. 338-339).

⁶ Searle divide os atos performativos da seguinte maneira: representativos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos. São atos que não descrevem, não relatam nem constata nada, não podendo ser compreendidos como falsos ou verdadeiros.

Como já reiteramos, é um homem melancólico — algo distante de sua personalidade literária mais marcante — e em constante defesa de seu legado — tanto de vida pessoal e material como enquanto escritor e pensador — que mais frequenta o diário. Temos uma regularidade, sua obsessão temática na qual o texto de Oswald se acomoda. Sua escrita acaba funcionando como um instrumento por meio do qual encontra apoio e recupera energias. Aqui a expressão e o desabafo não necessariamente servem à memória e se aproximam de uma função de esquecimento. É a agradabilidade do “escrever”. “A lógica é a muda. Deixamos nossas peles velhas para trás. Livramo-nos delas para renascer” (LEJEUNE, 2008a, p.276).

A presença de Maria Antonieta vai além das menções textuais. A própria esposa de Oswald escreve ou transcreve conversas com o marido no diário.

12-7-48: Na manhã de hoje Oswald me explica: – “A massa está se tornando *scientes*. Estamos vivendo um grande caos — a crise da lei dialética do senhor e do escravo que pela primeira vez entrou em xeque. A massa se libertando do terror que a acrisolou, agarra-se aos mitos políticos. Daí a grande força do comunismo, do fascismo etc” (ANDRADE, 2022, p. 53, destaque do autor).

Entradas como essa evidenciam dois aspectos já mencionados: a saúde frágil e a cumplicidade do escritor com sua companheira, “grande e compreensível criatura” (ANDRADE, 2022, p. 186), com quem compartilha a elaboração de seus pensamentos e, de alguma maneira, a escrita do diário. Mais uma vez vem à tona um outro perfil de Oswald de Andrade.

Vimos que os diários, em grande parte, são escritos na ignorância de seu fim, sendo produzidos para acompanhar uma vida o maior tempo possível. Não é o caso de *Diário confessional*. Com intuito de publicação, a atividade diarística de Oswald se mostra relativamente programada, dedicada a um período específico, existindo, inclusive, um “primeiro encerramento” com a palavra “FIM” em caixa alta em 11 de janeiro de 1953. A esse respeito, Manoel da Costa Pinto escreve:

É provável que ele tenha abandonado a escrita do diário temporariamente, para cuidar da malfada candidatura a deputado federal — uma das tantas tentativas desesperadas para sair do inferno financeiro em que se envolto nos anos finais de sua vida (PINTO, 2022, p.10).

A escrita é retomada no mês de agosto daquele ano, para então ter seu fim definitivo em 11 de janeiro de 1954, citado anteriormente, quando decreta em também em caixa alta: “FIM DO CICLO DOS DIÁRIOS” (ANDRADE, 2022, p.455).

O que temos é uma restrição imposta pelo próprio autor, sua burocracia. Trata-se de um fim de período: o “eu” ultrapassa e sobrevive ao término da escrita. Desse modo, “terminar um diário consiste em isolá-lo do futuro e incorporá-lo às construções do passado” (Lejeune, 2008a, p.271). Chega-se a um momento de apreciação daquilo que se conclui, com uma pequena olhada retrospectiva seguida de uma projeção do que se pretende realizar. Pedimos licença para repetir partes da entrada de encerramento.

6 de janeiro de 1954:[...] Ontem passei um dia vadio, sem continuar as *Memórias*.[...] Estou pra redigir definitiva página sobre a noite com Isadora [Duncan].

11 de janeiro de 1954: [...] Chega! Tenho a compor as *Memórias*. O primeiro volume está apenas redigido. Tenho a terminar *Marco zero*. E a insistir sobre a Estante no Zé Olympo. Chega! [...] O primeiro volume das *Memórias* se chama *Sob as ordens de mamãe - 1890-1919*. A obra toda: *Um homem sem profissão: Memórias e confissões* (ANDRADE, 2022, p. 502-503).

Eis mais um elemento que nos permite entender *Diário confessional* como variante do empreendimento memorialístico e confessional de Oswald de Andrade. O foco “pós-diário” fica evidente: a dedicação à redação de suas memórias. A escrita se encerra, porém se conserva aberta a (re)leitura e (re)avaliações futuras feitas pelo próprio autor ou por outros leitores.

Considerações Finais

Como visto, o *Diário confessional* de Oswald de Andrade apresenta as características principais da escrita diarista, sendo, contudo, um projeto voltado bem menos para o puro registro, mas que tem em vista o “deixar pra lá” de suas angústias pontuais. É sobretudo através de sua repetição melancólica que o perigo de morte passa a se encontrar do outro lado: como se ela então se apresentasse na ausência de escritura, ou na impossibilidade de registro. Estão articulados então diário e escrita de criação, de modo a entrever no último Oswald um autor que procura reconstituir fragmentos de sua imagem pública.

Neste sentido, a morte como fio condutor de sua escrita encontra também a captura de cena da “auto-hospitalidade” do autor, numa estrutura específica de discurso mas também na relação sentimental-humorística empreendida como ponto central de sua digestão diarista. Mais uma vez o autor se encontra amparado na recusa a todos os níveis de renúncia, a começar pela

renúncia de si mesmo – que funcionará como importante chave não apenas para uma leitura minuciosa de seus últimos trabalhos, mas também de sua obra predecessora e de sua fortuna crítica poucas vezes unânime.

Referências

- ANDRADE, Oswald de. *Diário confessional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- ANDRADE, Oswald de. Fraternidade de Jorge Amado. In: ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança*. Globo: São Paulo, 1991b.
- ANDRADE, Oswald de. *Os dentes do dragão*. Globo: São Paulo, 1990.
- ANDRADE, Oswald de. *Telefonema*. Globo: São Paulo, 1976.
- ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: memórias e confissões*. Sob as ordens de mamãe. Globo: São Paulo, 2002.
- ANDRADE, Oswald. Caminho percorrido. In: ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança*. Globo: São Paulo, 1991a.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si — sobre Foucault e psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Memória e arquivo. In: NASCIE, Rose Mary Abrão; LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, crítica e Cultura IV*. Interdisciplinaridade. Juiz de Fora: Ed UFJF, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. Como terminam os diários? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008a.
- LEJEUNE, Philippe. Contínuo e descontínuo. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008b.
- LEJEUNE, Philippe. Luculus vem jantar com Luculus. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008c.

LEJEUNE, Philippe. Um diário todo seu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008d.

MIRANDA, José A. Bragança de; CASCAIS, Antonio Fernando. A lição de Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.

PINTO, Manuel da Costa. Apresentação. In: ANDRADE, Oswald de. *Diário confessional*. São Paulo: Companhia da Letras, 2022.

REVEL, Judith. *Michel Foucault*. Conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin; Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SEARLE, John. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Recebido em: 07/03/2025.

Aceito em: 18/06/2025.